



## O CONCEITO DE GERAÇÃO E A EMERGÊNCIA SENSORIAL DO SENTIDO

### THE CONCEPT OF GENERATION AND THE SENSORY EMERGENCE OF MEANING

Rubens César BAQUIÃO<sup>1</sup>

UNESP - Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (FCLAr)

**RESUMO:** O artigo discute os principais conceitos que possibilitaram o desenvolvimento da semiótica greimasiana e explora a relação entre a teoria da significação e a fenomenologia de Merleau-Ponty. A semiótica desenvolve um instrumental analítico para examinar as diversas manifestações da linguagem e retoma estudos baseados na fenomenologia. O conceito de corpo é fundamental no pensamento fenomenológico, já que os fenômenos físicos são percebidos pelas sensações corpóreas. São apresentados os conceitos de geração e conversão, propostos por Greimas, e será discutida a relação entre esses conceitos e o conceito de percepção. Segundo essa perspectiva semiótica, o homem reconhece a existência dos fenômenos físicos por meio dos sentidos fisiológicos, que percebem tanto estímulos internos quanto externos em relação ao corpo. Assim, compreende-se que a experiência linguística está ligada à atividade sensório-motora, de modo que a semiótica enfatiza o papel da percepção na produção de sentidos e isso possibilita a análise da significação em seu processo, que é compreendido como uma relação sensorial tensiva entre os domínios da visada e da apreensão. O texto mostra como a fenomenologia fundamenta os desenvolvimentos conceituais da semiótica discursiva, principalmente a semiótica tensiva proposta por Zilberberg e Fontanille.

**PALAVRAS-CHAVE:** Geração; Percepção; Corpo.

**ABSTRACT:** The article discusses concepts that have enabled the development of greimassian semiotics and explores the relationship between theory of signification and phenomenology of Merleau-Ponty. Semiotics theory develops concepts to examine the various manifestations of language and incorporates studies based on phenomenology. The concept of body is essential in phenomenological thought, because the physical phenomena are perceived by body sensations. This paper presents the concepts of generation and conversion, proposed by Greimas, and discusses the relationship between greimassian concepts and the phenomenological concept of perception. According to this semiotic perspective, man recognizes existence of physical phenomena by physiological senses, that perceive stimuli both internal and external to the body. Thus, it is understood that linguistic experience is linked to sensory-motor activity, so semiotics emphasizes the role of perception in production of meanings and it enables the analysis of signification in process, which is understood as a relationship between sensory tensive fields of sight and apprehension. The text shows the influence of phenomenology in conceptual development of discursive semiotics, especially tensive semiotics, proposed by Zilberberg and Fontanille.

**KEYWORDS:** Generation; Perception; Body.

<sup>1</sup>Doutorando no Programa de Pós-Graduação em Linguística e Língua Portuguesa da UNESP – Campus de Araraquara.

A noção de geração define a semiótica francesa e fundamenta o seu desenvolvimento. A ideia de que o sentido é gerado sustenta a criação dos principais conceitos greimasianos e possibilita a aplicação da semiótica em análises textuais. O conceito de geração em semiótica pode ser compreendido, assim como a noção de geração é entendida em biologia, como produção:

O termo geração designa o ato de engendrar, de produzir, quer tomado em sentido biológico quer em sentido epistemológico. É a segunda acepção, de uso corrente nas matemáticas (em que se fala da geração de um volume ou de um número, por exemplo), que foi retomada por N. Chomsky em linguística e que se estende à semiótica. (GREIMAS; COURTÉS, 2008, p. 228-229).

Para trabalhar com o vasto domínio da significação, a teoria semiótica apóia-se na noção de profundidade, que é categorizada em níveis, para abordar o sentido. Entende-se que o conceito de níveis é uma abstração desenvolvida para explicar o funcionamento da linguagem. Assim, o percurso gerativo desenvolvido por Greimas estabelece que a geração do sentido pode ser representada em uma estrutura formalizada por níveis abstratos (profundos) e níveis concretos (superficiais). Os níveis abstratos podem ser compreendidos como conjuntos formais de significação que se manifestam na substância e na forma da expressão. A disposição desses níveis em nível fundamental, nível narrativo e nível discursivo estrutura o percurso gerativo de sentido.

O nível fundamental é aquele em que se situam as relações lógicas – representadas por caracteres simbólicos – com investimento semântico mínimo; o nível narrativo é o nível em que ocorre a organização e o desenvolvimento semântico dos elementos lógicos que estruturam a narrativa; no nível discursivo, os níveis anteriores se manifestam temática e figurativamente; nele se examinam os investimentos mais concretos, que se manifestam em diversos tipos de textos. Nesse nível, o sujeito da enunciação, produtor do discurso, organiza as estruturas narrativas em categorias discursivas de pessoa, tempo e espaço.

Para tornar possível a operacionalização científica desses níveis, Greimas faz uso da lógica e utiliza caracteres simbólicos. Assim, a noção de algoritmo sustenta a formalização do percurso gerativo de sentido:

É evidente que a apresentação algorítmica das sequências de regras só pode ser feita progressivamente: a organização algorítmica só pode ser dada, em primeiro lugar, a determinados procedimentos de análise. Assim, em semiótica narrativa, os programas narrativos complexos, por exemplo, já são suscetíveis de receber uma formulação algorítmica. (GREIMAS; COURTÉS, 2008, p. 27).

O conceito de actante é estabelecido para desenvolver uma formulação algorítmica que manipule as transformações de sentido, pois a semiótica narrativa concebe os actantes como elementos abstratos que se relacionam e geram sentido e que podem ser analisados por meio da lógica. Essa proposta de formalização algorítmica para representar as estruturas narrativas fundamenta a semiótica e faz parte de uma tradição de estudos linguísticos desenvolvidos com o intuito de manipular a língua como um objeto científico<sup>2</sup>. Greimas

---

<sup>2</sup> Os trabalhos do linguista norte-americano N. Chomsky fazem parte dessa tradição, já que ele criou esquemas de representação lógica das estruturas sintáticas e essas representações esquemáticas contribuíram para os

Disponível em: <http://seer.fclar.unesp.br/casa>

trabalhou em uma formalização lógica com o intuito de explicar a geração do sentido, de forma que, para representar o nível narrativo, a semiótica utiliza símbolos como:

- S: representa os sujeitos;
- O: representa os objetos;
- $\cap$  e U: utilizados para marcar as conjunções e disjunções entre sujeitos e objetos;
- v: representa os valores investidos nos objetos.

O percurso do herói cristão, por exemplo, que morre na cruz para salvar a humanidade, pode ser formalizado da seguinte maneira:

$S \cap Ov$  – Sendo que S representa Jesus e  $\cap$  sua conjunção com O, o objeto cruz, envolvido com v, o valor salvação.

O conceito de geração em semiótica define a emergência do sentido, que pode ser formalizado em níveis de relação lógica entre actantes e que se manifesta discursivamente. Assim, o nível discursivo apresenta-se como o domínio mais superficial do percurso gerativo, pois é o domínio no qual as estruturas narrativas manifestam-se em substância linguística, que pode ser analisada.

Ao considerar a complexidade dos níveis do percurso gerativo, entende-se que os actantes sofrem transformações em suas relações lógicas. Para explicar as transformações que ocorrem no nível conceitual, a semiótica desenvolve o conceito de conversão, que é uma noção advinda da ideia de transformação:

L. Hjelmslev emprega o termo conversão para designar um conjunto de procedimentos que correspondem, “*avant la lettre*” e guardadas as devidas proporções, ao conceito de transformação em gramática gerativa. [...] empregamos o termo conversão no sentido Hjelmsleviano, mas aplicando-o à dimensão sintagmática e discursiva da semiótica: esse conceito está, então, intimamente ligado ao discurso, apreendido e definido como uma superposição de níveis em profundidade. (GREIMAS; COURTÉS, 2008, p. 102).

O conceito de conversão possibilita descrever o modo como um determinado nível do percurso gerativo, como o nível narrativo, transforma-se em nível discursivo. Entende-se que, no nível narrativo, os actantes organizam-se de forma lógica e, no nível discursivo, recebem investimento antropomórfico e se tornam figuras; convertem-se de um nível abstrato a um nível concreto. Ao retomar o exemplo do percurso de Cristo, entende-se que S é um actante no nível narrativo e que sua conversão na figura do Cristo crucificado é identificada no nível discursivo. Segundo Greimas e Courtés:

[...] no interior do componente semântico, percebe-se também que os termos das categorias semânticas se convertem em valores investidos nos objetos sintáticos, e que estes – lugares semanticamente vazios – podem ser convertidos em figuras e em ícones do mundo. (GREIMAS; COURTÉS, 2008, p.103).

---

trabalhos de programação automática das línguas naturais. Essa linha de pesquisa visa elaborar equações lógico-matemáticas dos enunciados das línguas naturais, para que possam ser utilizados por computadores.

Disponível em: <http://seer.fclar.unesp.br/casa>

Ao se pensar no percurso do herói cristão, entende-se que o valor salvação, um elemento semântico, é investido no objeto cruz. Assim, a figura da cruz estabiliza-se como um ícone da salvação na cultura ocidental. A noção de conversão permite compreender a complexidade das transformações semânticas e figurativas da linguagem e também explica o processo de mudança que ocorre nos níveis conceituais da semiótica greimasiana.

Este artigo propõe-se a explorar a noção de geração com ênfase no conceito fenomenológico de percepção e pretende demonstrar a emergência gerativa do sentido no campo da percepção. Segundo esse raciocínio, em primeiro lugar, admite-se que a linguagem humana é estabelecida pelos sentidos fisiológicos, que são a base da percepção do mundo natural e de toda interação entre os sujeitos humanos. O processo semiótico de instauração do sentido tem origem na percepção, já que um objeto macrosemiótico é percebido pelos sentidos fisiológicos e seu sentido é apreendido de forma gerativa.

Merleau-Ponty, ao refletir sobre a conceituação científica dos objetos naturais, chama a atenção para a complexidade da relação entre natureza e cultura:

Nossa percepção presente, sob o quadro, a presença próxima da tela; sob o monumento, a do cimento que se pulveriza; sob o personagem, a do ator que se fatiga. Mas a natureza da qual o empirismo fala é uma soma de estímulos e de qualidades. É absurdo pretender que essa natureza seja, mesmo que só em intenção, o objeto primeiro de nossa percepção: ela é muito posterior à experiência dos objetos culturais, ou, antes, ela é um deles. Precisaremos portanto redescobrir também o mundo natural e seu modo de existência, que não se confunde com aquele do objeto científico. (MERLEAU-PONTY, 2006, p.51).

Compreende-se que todas as definições científicas do mundo natural são afirmações de seres culturais. Nosso conhecimento da natureza é envolvido pela subjetividade perceptiva integrada no processo de análise empírica. Assim, aquilo que definimos como natureza também é parte do domínio cultural, pois os objetos do mundo natural só adquirem significado por meio da relação sensorial entre sujeitos culturais e objetos naturais. O estabelecimento das macrossemióticas – mundo natural e línguas naturais – é sustentado pela relação sensorial entre os sujeitos humanos, que são definidos por conceitos culturais e estabelecem seu conhecimento dos domínios macrossemióticos a partir daquilo que são capazes de experienciar por meio da sensório-motricidade.

A figura de Jesus Cristo, por exemplo, é percebida pelo aparelho visual e o programa narrativo do herói que se sacrifica para salvar a humanidade é convocado:  $S \cap O \vee$ . Isso ocorre porque na cultura ocidental cristalizou-se o programa narrativo segundo o qual Cristo é o salvador que escolhe estar conjunto da cruz para oferecer a salvação aos homens.

Assim, sempre que a figura de Cristo é percebida pelos sentidos corpóreos, no nível discursivo, seu papel actancial, no nível narrativo, é convocado e Cristo é reconhecido como aquele que salva a humanidade. Esse exemplo ilustra a hipótese de que o sentido é gerado na interação sensível entre sujeito e objeto. Ou seja, a percepção de certo objeto gera um sentido específico.

Segundo a proposta das práticas semióticas de J. Fontanille, o nível dos signos (figuratividade e iconicidade) integra-se ao nível dos textos-enunciados (interpretação e inscrição):

Ao selecionar como nível de pertinência das imagens o nível das unidades significantes elementares, signos ou figuras de representação, todos os aspectos sensíveis da imagem são reenviados à substância, às condições materiais do plano da expressão, e são estudados segundo a história das técnicas, das práticas e da estética da produção; na melhor das hipóteses, e do ponto de vista da história da arte, esses aspectos sensíveis e materiais poderão, se tiverem algumas regularidades, ser atribuídos a um «estilo». Mas a passagem ao nível de pertinência superior, o do «texto-enunciado», inclui o todo ou parte desses elementos sensíveis em uma «dimensão plástica», e a análise semiótica dessa dimensão textual pode então reconhecer ou afetar diretamente as formas do conteúdo, as axiologias e mesmo os papéis actanciais. Em suma, os elementos sensíveis e materiais da imagem só se tornam pertinentes de um ponto de vista semiótico no nível superior, isso quer dizer, no momento de sua integração em «texto-enunciado». (FONTANILLE, 2008, p.20, tradução nossa).<sup>3</sup>

A dimensão plástica da semiótica é o domínio em que os elementos sensíveis dos objetos apresentam-se como formantes, que podem ser reconhecidos pela organização cromática, eidética, topológica ou matéria. Esses elementos plásticos interagem com elementos do conteúdo (axiologias e papéis actanciais). É possível reconhecer a relação entre as práticas sensoriais (plasticidade do texto-enunciado) e a emergência do sentido gerado (papéis actanciais e axiologias). A imagem da crucificação de Cristo, em um texto-enunciado como uma pintura (nível superficial), recobre papéis actanciais e axiologias (nível profundo). Ao conceber o mundo natural como uma experiência perceptiva, a fenomenologia revela o mundo como crença, segundo Bordron:

Essa atitude de pensar «especificamente filosófica», se opõe ao método que prevalece nas ciências naturais, de tal modo que se a fenomenologia pretende ser científica, não é no mesmo sentido dessas últimas. A diferença reside em colocar entre parênteses toda a crença no mundo a que o termo *epochè* se refere e que é o nervo e a razão de ser deste método. Pode-se dizer, nesse caso, que a fenomenologia se confunde com o próprio projeto filosófico, pelo menos segundo uma certa concepção do mesmo. É preciso acrescentar que a suspensão não suprime verdadeiramente a crença no mundo mas o revela como crença. Ela é menos uma negação que uma liberação pela qual a crença pode ser descrita pelo que ela é. (BORDRON, 2011, p.1-2, tradução nossa)<sup>4</sup>.

---

<sup>3</sup> Si on sélectionne en effet comme niveau de pertinence des images celui des unités signifiantes élémentaires, signes ou figures de représentation, tous les aspects sensibles de l'image sont alors renvoyés à la substance, voire à la matière du plan de l'expression, et relèvent alors d'une étude de l'histoire des techniques, des pratiques et des esthétiques de la production ; au mieux, et du point de vue de l'histoire de l'art, ces aspects sensibles et matériels pourront, s'ils présentent quelques régularités, être mis au compte d'un « style ». Mais le passage au niveau de pertinence supérieur, celui du « texte-enoncé », intègre tout ou partie de ces éléments sensibles dans une « dimension plastique », et l'analyse sémiotique de cette dimension textuelle peut alors lui reconnaître ou lui affecter directement des formes de contenu, des axiologies, voire des rôles actantiels. En somme, les éléments sensibles et matériels de l'image ne deviennent pertinents d'un point de vue sémiotique qu'au niveau supérieur, c'est-à-dire au moment de leur intégration en « texte-énoncé ».

<sup>4</sup> Cette attitude de pensée «spécifiquement philosophique» s'oppose à la méthode qui prévaut dans les sciences de la nature, de telle sorte que si la phénoménologie peut prétendre à la scientificité, ce n'est pas au même sens que ces dernières. La différence réside dans la mise entre parenthèses de toute croyance au monde à laquelle renvoie le terme d'*epochè* et qui est le nerf et la raison d'être de cette méthode. On peut dire en ce sens que la phénoménologie peut se confondre avec le projet philosophique lui-même, du moins selon une certaine

A fenomenologia compreende o mundo como crença, um conceito perceptivo, e a semiótica entende que a percepção dos objetos do mundo natural está ligada à geração do sentido. A relação entre sujeito que percebe e objeto percebido gera significações que se desdobram no domínio espaço-temporal da cultura.

A semiótica do discurso retoma conceitos da fenomenologia – com base principalmente nas reflexões do filósofo Merleau-Ponty – e o estudo da atividade sensório-motora passa a ser fundamental no conhecimento da significação. Em um artigo de 1956, chamado *L'actualité du saussurisme*, Greimas reconhecia o trabalho de Merleau-Ponty como uma contribuição importante à linguística saussuriana:

[...] a linguística saussuriana saúda com reconhecimento os esforços de M. Merleau-Ponty no sentido de elaborar uma psicologia da linguagem em que a dicotomia entre pensamento e linguagem é abandonada em favor de uma concepção de linguagem em que o sentido é imanente à forma linguística e que, tendo em conta o tom pessoal do autor e as múltiplas convergências de pensamento, parece, em muitos aspectos, o prolongamento natural do pensamento de Saussure. (GREIMAS, 2006, p.2, tradução nossa)<sup>5</sup>.

A obra de Merleau-Ponty contribui para o desenvolvimento da semiótica tensiva, que é desenvolvida, principalmente, pelos trabalhos de Zilberberg e Fontanille, que se concentram no estudo da interação entre o sensível e o inteligível no nível discursivo. O sensível é o campo dos afetos e sensações e o inteligível é o campo do entendimento e da compreensão. Segundo Fontanille, a sintaxe do discurso é um encadeamento e uma sobreposição de atos que conjuga a dimensão da intensidade (o sensível, o afetivo) e a dimensão da extensidade (o inteligível, o compreensível). Essas tensões estão relacionadas à percepção, ao modo como o corpo sofre a experiência da significação.

Ao tratar da significação, a semiótica considera que a linguagem pode ser examinada em dois planos: o plano da expressão, que é a materialidade enunciada (fonética, gráfica, pictórica, etc) dos discursos e o plano do conteúdo, que é o campo dos conceitos ligados à expressão. Os conceitos são os significados, os sentidos semânticos vinculados à expressão da linguagem. Os dois planos da linguagem foram concebidos pelo linguista dinamarquês Hjelmslev. Fontanille reflete sobre os dois planos da linguagem – plano da expressão e plano do conteúdo – e diz que

Sejam quais forem os nomes que se lhes dê, os dois planos da linguagem são separados por um corpo perceptivo que toma posição no mundo do sentido, que define, graças a essa tomada de posição, a fronteira entre o que será da ordem da expressão (o mundo exterior) e o que será da ordem do conteúdo (o mundo interior). É também esse corpo que reúne esses dois planos em uma mesma linguagem. Portanto, o sensível e o inteligível estão

---

conception de celui-ci. Il faut ajouter que l'époque ne supprime pas véritablement la croyance au monde mais la révèle comme croyance. Elle est ainsi moins une négation qu'une libération par laquelle la croyance peut être décrite pour ce qu'elle est.

<sup>5</sup>[...] la linguistique saussurienne saluera avec reconnaissance les efforts de M. Merleau-Ponty tendant à élaborer une psychologie du langage où la dichotomie de la pensée et du langage est abandonnée au profit d'une conception du langage où le sens est immanent à la forme linguistique et qui, compte tenu du ton tout personnel de l'auteur et de convergences de pensée multiples, paraît, à bien des égards, comme le prolongement naturel de la pensée saussurienne.

Disponível em: <http://seer.fclar.unesp.br/casa>



irremediavelmente ligados no ato que reúne os dois planos da linguagem. (FONTANILLE, 2007, p.30).

Fontanille (2007, p. 44) retoma e desenvolve os conceitos de exteroceptividade, interoceptividade e proprioceptividade a partir da fenomenologia da percepção de Merleau-Ponty. A exteroceptividade é a percepção do mundo exterior, é o modo como o corpo percebe as formas físicas e biológicas do *mundo natural* (plano da expressão) e a interoceptividade é o momento em que o corpo percebe seu mundo interior: afetos e conceitos (plano do conteúdo). A proprioceptividade é a posição do sujeito da percepção, que experimenta a significação a partir de seu corpo próprio, que é um invólucro sensível, uma fronteira entre o domínio interior e o domínio exterior. O corpo próprio é mais que um mediador entre a exteroceptividade e a interoceptividade e sua atividade sensório-motora interfere na significação. O corpo percebe o ambiente que o interpela e converte as figuras do mundo (exteroceptivas) em figuras interiores (interoceptivas), que são equivalentes às figuras exteriores, mas que estão contaminadas pela dimensão patêmica (proprioceptiva) do corpo sensível. Além do corpo exterior (exteroceptivo) e do corpo interior (interoceptivo) o conceito de corpo próprio (proprioceptivo) define o momento em que o sujeito experimenta a significação em uma instância de legítima individualidade. É por isso que um mesmo discurso é entendido de maneiras diferentes por vários sujeitos, pois cada um deles possui um corpo próprio que experimenta o sentido de modo idiossincrático. Segundo Greimas e Fontanille (1993, p. 13): “É pela mediação do corpo que percebe que o mundo transforma-se em sentido – em língua – que as figuras exteroceptivas interiorizam-se e que a figuratividade pode então ser concebida como modo de pensamento do sujeito.” A proprioceptividade é a instância em que a sensibilidade singular – individualidade corpórea – do sujeito irá definir o sentido de um discurso.

Finalmente, o mundo natural é considerado por Greimas e Courtés como enunciado e discurso, de acordo com uma semiótica de inspiração profundamente gramatical. É preciso fornecer uma enunciação desse mundo, sem dúvida de natureza cognitiva e pragmática, mas ligada, principalmente, ao corpo próprio e à carne como lugares de constituição da realidade fenomenal. (BORDRON, 2007, p. 1, tradução nossa)<sup>6</sup>.

A semiótica tensiva compreende a significação como um processo discursivo que pode ser analisado por meio da representação esquemática da prática da enunciação. Para que se possa representar esse processo, é preciso considerar que a experiência linguageira do sujeito humano acontece em um espaço (e tempo) no qual o corpo se encontra. Zilberberg discute a conceituação semiótica de espaço:

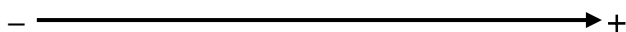
[...] é conveniente lembrar que o espaço é uma noção genérica que presume várias espacialidades específicas. A clivagem dessa pluralidade apela à distinção entre espaços centrados e espaços acentrados. Os espaços da matemática e da física são considerados acentrados. O espaço da percepção e o espaço mítico são considerados – por consenso – centrados, o primeiro tem por centro um sujeito chamado de “monárquico”, que Merleau-Ponty

---

<sup>6</sup> Enfin, le monde naturel est donné par Greimas et Courtés comme énoncé et discours conformément à une sémiotique d'inspiration profondément grammaticale. On doit donc prévoir une énonciation de ce monde, sans doute de nature cognitive et pragmatique, mais liée surtout au corps propre et à la chair comme lieux de constitution de la réalité phénoménale.

definiu com a fórmula: “Afinal de contas, o mundo está ao meu redor e não na minha frente.” Entre o espaço da matemática e o espaço da percepção há descontinuidade: “Uma comparação em particular entre o espaço 'fisiológico' e o espaço 'métrico', sobre o qual a geometria euclidiana fundamenta suas construções, evidencia essa relação conflituosa. O que é colocado em um é negado e revertido no outro. O espaço euclidiano é definido pelos três critérios fundamentais da continuidade, do infinito e da homogeneidade. Mas esses momentos são contraditórios em relação à percepção sensível”. (ZILBERBERG, 2010, p. 2, tradução nossa)<sup>7</sup>.

O espaço da percepção é um espaço centrado em um sujeito que percebe o mundo ao seu redor, por isso a definição de espaço segundo a fenomenologia é diferente do conceito de espaço da física e da matemática, já que esses domínios não situam um sujeito ao conceituar o espaço, pois os problemas propostos são diferentes. São os sentidos fisiológicos que definem o sentido instaurado na relação entre sujeito e mundo natural. A progressão espaço-temporal da percepção pode ser representada de forma linear:



Esse eixo representa a evolução de um tempo mínimo (-) no sentido de uma progressão temporal de maior quantidade (+). Entende-se essa progressão ao se pensar no processo em que um sujeito assiste a um filme, que é um tipo de texto que se apresenta de forma linear, pois seu modo de visualização condiciona a enunciação e o modo como o sujeito experiencia o texto áudio-visual. Mas entende-se que toda experiência humana é limitada pela compreensão linear do sentido, pois a recepção sensorial de qualquer estímulo exteroceptivo e mesmo interoceptivo acontece e só é possível porque experimentamos o desdobramento espaço-temporal de forma linear (ou, ao menos, é assim que a civilização moderna, após séculos de condicionamento temporal impostos pelo relógio mecânico, parece perceber o tempo). Entende-se que a instauração subjetiva do domínio espaço-temporal é engendrada por meio do campo cognitivo, pois a compreensão quantitativa é da ordem do inteligível e é feita por meio do emprego da razão. Ao refletir sobre a relação entre o espaço e o tempo no campo da percepção, Merleau-Ponty escreve:

Quando digo que vejo um objeto à distância, quero dizer que já o possuo ou que ainda o possuo, ele está no futuro e no passado ao mesmo tempo em que no espaço. Dir-se-à talvez que ele só está ali para mim: em si a lâmpada que percebo existe ao mesmo tempo em que eu, a distância está entre objetos simultâneos, e essa simultaneidade está incluída no próprio sentido da percepção. Sem dúvida. Mas a coexistência, que com efeito define o espaço, não é alheia ao tempo, ela é a pertença de dois fenômenos à mesma vaga

<sup>7</sup> [...] il convient donc de rappeler que l'espace est une notion générique subsumant plusieurs spatialités spécifiques. Le clivage de ce pluriel fait appel à la distinction entre espaces centrés et espaces acentrés. L'espace des mathématiques et l'espace de la physique sont tenus pour acentrés. L'espace de la perception et l'espace mytique sont dits – par consensus – centrés, le premier a pour centre un sujet dit « monarchique » dont Merleau-Ponty a fixé la formule : « Après tout, le monde est autour de moi, non devant moi ». Entre l'espace des mathématiques et l'espace de la perception il y a discontinuité: « Une comparision en particulier entre l'espace 'physiologique' et l'espace 'métrique' sur lequel la géométrie euclidienne fonde ses constructions met assez en évidence ce rapport d'opposition. Ce qui est posé dans l'un apparaît nié et renversé dans l'autre. L'espace euclidien est défini par les trois critères fondamentaux de la continuité, de l'infinité et de l'homogénéité. Or ces moments son contradictoires avec la perception sensible ».



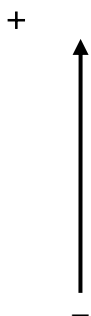
temporal. Quanto à relação entre o objeto percebido e minha percepção, ela não os liga no espaço e fora do tempo: eles são contemporâneos. (MERLEAU-PONTY, 2006, p. 357).

O filósofo enfatiza a relação de simultaneidade entre o espaço e o tempo e afirma que o corpo está entremeadado na coexistência espaço-temporal:

Dissemos que as partes do espaço segundo a largura, a altura ou a profundidade não são justapostas, que elas coexistem porque estão todas envolvidas no poder único de nosso corpo sobre o mundo, e essa relação já se iluminou quando mostramos que ela era temporal antes de ser espacial. As coisas coexistem no espaço porque estão presentes ao mesmo sujeito perceptivo e envolvidas na mesma onda temporal. (MERLEAU-PONTY, 2006, p. 371)

As dimensões espaciais são domínios instaurados pela percepção sensorial, assim como a dimensão temporal está atada ao campo perceptivo e ao espaço. O semiótico L. Tatit (1998, p. 33) discute a reflexão de Merleau-Ponty sobre a relação entre corpo e mundo natural: “De fato, para Merleau-Ponty, corpo e mundo constituem um campo de presença de onde se depreendem todas as relações da vida perceptiva e do mundo sensível. O sentido, por sua vez, é concebido como uma direção cujo traçado depende de uma ancoragem do ser no mundo.” Compreende-se que a significação só é instaurada a partir do momento em que o ser percebe algo do mundo, e define, por meio desse ato, a direção espaço-temporal do sentido. É essa direção do sentido no espaço-tempo que pode ser representada pelo eixo horizontal que progride de – em direção a +.

A experiência do impacto sensível, o domínio da afetividade, pode ser representada da seguinte forma:



O eixo vertical representa o surgimento súbito de uma tensão afetiva, que irrompe de – em direção a +. É o que acontece em um ataque de cólera, que avança explosivamente e se torna cada vez mais intenso. A cólera é um afeto intenso que atenua a experiência racional-inteligível em favor de uma tensão que promove o desenvolvimento do sensível em detrimento do cognitivo. Mas as experiências intensas não provêm apenas do campo passional, pois entende-se que a percepção de uma paisagem desconhecida – um elemento do mundo natural – irrompe como uma novidade intensa, de modo que a representação dessa experiência pode ser marcada no ápice do eixo, como um impacto sensorial intenso que emerge na percepção a partir de um espaço-tempo e não a partir de um afeto. Compreende-se que a experiência entre corpo sensível e mundo natural é complexa e esses eixos são um esboço das possibilidades de representação do domínio espaço-temporal (inteligível) e do

domínio afetivo (sensível). Segundo Merleau-Ponty (2006, p. 84): “O sentir é essa comunicação vital com o mundo que o torna presente para nós como um lugar familiar de nossa vida. É a ele que o objeto percebido e o sujeito que percebe devem sua espessura. Ele é o tecido intencional que o esforço de conhecimento procurará decompor.” Greimas e Fontanille discutem a maneira como a proprioceptividade define o sentido:

A mediação do corpo, de que o próprio e o eficaz são o sentir, está longe de ser inocente: ela acrescenta, por ocasião da homogeneização da existência semiótica, categorias proprioceptivas que constituem de algum modo seu “perfume” tímico, e até sensibiliza – dir-se-á ulteriormente “patemiza” – cá e lá o universo de formas cognitivas que aí se delineiam. [...] A homogeneização da dimensão semiótica da existência obtém-se assim pela suspensão do elo que une as figuras do mundo com seu “significado” extra-semiótico, isto é, entre outros, com as “leis da natureza”, imanentes ao mundo, e por sua colocação em relação, enquanto significado, com diversos modos de articulação e de representação semióticos; o que lhes acontece de mais notável na circunstância é que as figuras do mundo só podem “fazer sentido” à custa da sensibilização que lhes impõe a mediação do corpo. É por isso que o sujeito epistemológico da construção teórica não pode apresentar-se como puro sujeito cognitivo “racional”; com efeito, em seu percurso que conduz ao advento da significação e à sua manifestação discursiva, ele encontra obrigatoriamente uma fase de “sensibilização” tímica. (GREIMAS; FONTANILLE, 1993, p.14).

A semiótica compreende o impacto do domínio da sensibilidade sobre o domínio da inteligibilidade, já que a experiência do sentido no campo da percepção envolve o cognitivo e o sensível junto ao domínio espaço-temporal. Nesse ponto da discussão teórica, percebe-se que a compreensão do domínio inteligível e do domínio sensível só é possível se considerarmos a inter-relação que conecta a percepção afetiva e a percepção espaço-temporal.

O problema da relação entre sensibilidade e inteligibilidade ecoa nas discussões teóricas da filosofia e da ciência e, por ser complexo, não atingiu sua resolução em nenhum dos campos dos saberes. Ao considerar a importância da busca da compreensão desses conceitos, este artigo procura esclarecer o papel da percepção no fundamento dos pilares teóricos da semiótica greimasiana e apresenta reflexões atuais sobre a semiótica discursiva, que se baseia nos conceitos fenomenológicos para desenvolver reflexões teóricas e análises, em que as noções de corpo e percepção são fundamentais para a abordagem do sentido. Assim, compreende-se que a geração do sentido surge a partir de tensões sensoriais que variam de acordo com a relação entre corpo, espaço e tempo.

## REFERÊNCIAS

BORDRON, J. F. **Phénoménologie et sémiotique : théories de la signification**. Nouveaux Actes Sémiotiques, janvier 2011, n° 114. Disponible sur: <<http://revues.unilim.fr/nas/document.php?id=3733>>.

BORDRON, J. F. **Le statut sémiotique du monde naturel et la question de l'objet**. Nouveaux Actes Sémiotiques [ en ligne ]. Recherches sémiotiques. Disponible sur : <<http://revues.unilim.fr/nas/document.php?id=1838>> (publié em ligne le 22 octobre 2007) .

FONTANILLE, J. **Pratiques sémiotiques**. Paris: Presses Universitaires de France, 2008.

FONTANILLE, J. **Semiótica do discurso**. Tradução de Jean Cristtus Portela. São Paulo: Contexto. 2007.

Disponível em: <http://seer.fclar.unesp.br/casa>

GREIMAS, A. J.; COURTÉS, J. **Dicionário de Semiótica**. Tradução de vários autores. São Paulo: Contexto, 2008.

GREIMAS, A. J. **L'actualité du saussurisme**. Texto! [en ligne], juin 2006, vol. XI, n° 2. Disponible sur: <[http://www.revue-texto.net/Saussure/Sur\\_Saussure/Greimas\\_Actualite.html](http://www.revue-texto.net/Saussure/Sur_Saussure/Greimas_Actualite.html)>.

GREIMAS, A. J.; FONTANILLE, J. **Semiótica das Paixões**. Tradução de Maria José Rodrigues Coracini. São Paulo: Ática, 1993.

MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia da Percepção**. Tradução de Carlos Alberto Ribeiro de Moura. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

TATIT, L. **Musicando a semiótica**, ensaios. São Paulo: Annablume, 1998.

ZILBERBERG, C. **Spatialité et affectivité. Nouveaux Actes Sémiotiques** [ en ligne ]. Prépublications, 2009 - 2010 : Sémiotique de l'espace. Espace et signification II. Disponible sur : <<http://revues.unilim.fr/nas/document.php?id=3213>> (consulté le 13/09/2012).

Recebido em: 20/05/13  
Aprovado em: 07/12/13